

# A LUANDA DE LUANDINO: QUANDO A GEOGRAFIA CEDE À FICÇÃO

TANIA MACÊDO

U. de São Paulo. taniacelestinomacedo@gmail.com

*Ao Secretário-Geral da União dos Escritores Angolanos José Luandino Vieira, que possibilitou a numerosos pesquisadores que conhecessem Angola.*

*Mas quem que quer ver tudo, é quem é o pior cego – aviso que se dá antes de sua leitura<sup>1</sup>.*

*E mostrava o mapa: complicações que sempre a vida nunca tem, cifra de Bíblia, locais versículos. (...) Mas o lugar era falseado, lá se dava o encontro só outro mapa, igual ao do primeiro<sup>2</sup>.*

A aventura e o prazer de ler os textos de José Luandino Vieira fazem fronteira com uma linguagem que exige um leitor atento e interessado; ao mesmo tempo, personagens polifacetados, narradores múltiplos e um espaço muito especial constroem as histórias do autor. A par de uma linguagem em que a invenção e a política se conjugam, os textos luandinos nos trazem becos e ruas, avenidas e vielas de Luanda, constantemente percorridos por personagens as quais à luz das estrelas, dos petromaxes, ao sol ou à chuva, deambulam pela cidade de escrita criada pelo autor. Graças às andanças das personagens vamos conhecendo as ruas da Baixa: dos Mercadores, das Flores, ou os seus becos; mas também os musseques: Braga, Makulussu, Lixeira e as suas tortas ruas. Dessa maneira, toda uma geografia

---

<sup>1</sup> VIEIRA, 2009: 16.

<sup>2</sup> VIEIRA, 2005: 19.

se descortina ao leitor, uma verdadeira geografia amorosa, pois a Luanda da escrita de José Luandino Vieira é antes de tudo uma cidade que participa da vida de seus personagens, respira com eles, abraça-os e flerta com o leitor.

Na escrita aliciante de Luandino, personagens, espaço citadino e uma linguagem inventiva complementam-se e pode-se mesmo dizer que a cidade de Luanda cumpre muitas vezes a função de uma personagem, tal a plasticidade e ação com que se recobre a cidade capital de Angola.

## Personagens e saberes

A presença de personagens bem construídas, com suas vidas atravessadas pelas assimetrias provocadas pelo colonialismo traz ao palco da escrita os dramas e a especificidade das diferentes realidades vividas na então colônia portuguesa, em que a violência presidia o cotidiano. Mas as histórias também apresentam a resistência de todos os dias, que se substancia na atuação política mais direta (como em *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, em que o corpo do herói e as águas do Kuanza presos e torturados gerarão a energia necessária ao amanhã) ou ainda uma resistência atravessada pela tradição assinalada, por exemplo, em «O feitiço no bufo Toneto», de *Vidas novas*). Além de trazerem a referência ao universo de saberes e sabores da culinária angolana e das farras nos quintais, as histórias se apresentam também sob a batuta do conjunto musical nacionalista Ngola Ritmos, citado em numerosos textos do autor e metonimicamente regendo «A história da galinha e do ovo», dedicada a Amorim e sua ngoma «sonoros corações de nossa terra».

No conjunto de seus textos, assim como no dos de autores de sua geração com o mesmo direcionamento político-ideológico, o colonizado entra definitivamente na literatura angolana como protagonista<sup>181</sup>.

Dessa forma, com a música ou partilhando a cor e o cheiro bom do óleo de palma («panela de feijão d'azeitepalma, farinha, peixe frito, banana, pão. Comida de gente de musseque») que é capaz de reconciliar amizades – como a de Dosreis e Garrido de «Estória do ladrão e do papagaio», do livro *Luuanda* –, os textos de Luandino Vieira franqueiam ao leitor um conhecimento de Angola: sua música, sua culinária, suas histórias e suas crenças.

Fazem parte da galeria de tipos das personagens de suas histórias acabados malandros como Lomelino dos Reis e seus companheiros Via Rápida e Kam'tuta do conto «Estória do ladrão e do papagaio» (*Luuanda*, 1972)<sup>182</sup>, mulatas assanhadas como Inácia, da mesma

<sup>3</sup> «A linguagem dos bairros populares onde cresci era parte integrante e definidora da identidade das minhas personagens e, portanto, o caminho era por aí. Estas personagens já estavam na literatura angolana, só que nunca tinham sido personagens centrais, isto é, aquelas em função das quais tudo se articula» (RIBEIRO, 2006).

<sup>4</sup> Tendo em vista que a maior parte dos textos de Luandino Vieira foi escrita na prisão, em razão de suas atividades anti-coloniais, informamos no corpo do texto a data da primeira publicação de seus livros, indicando abaixo o ano de redação dos

estória, o contínuo Xico João («magro e não muito alto, usava mesmo aquele passo elástico característico dos queridos das moças das farras, dos miúdos das claques de futebol») do romance *A vida verdadeira de Domingos Xavier* (1974), o pedreiro diambreiro Sobral (*Velhas estórias*, 1974), mulheres nada pacíficas como Nga Zefa, por exemplo, que se apresenta ao leitor com uma fala em que Nga Bina é chamada de «ladrona, feiticeira, queria lhe roubar ainda a galinha e mesmo que a barriga da vizinha já se via, com o mona lá dentro, adiantaram pelear». («Estória da galinha e do ovo»), ou o presidiário, ex-músico, ex-engraxate, vendedor, servo de vários senhores chamado João Vêncio – um dos diversos nomes de Juvêncio Plínio do Amaral (*João Vêncio: os seus amores*, 1979). Dessa forma, ainda que haja personagens positivos no «mundo luandino» – como Lucas Matesso (*Vidas novas*, 1975) ou a personagem título de *A vida verdadeira de Domingos Xavier* (1974) –, é a galeria de seres que vivem nas brechas, verdadeiros «pingentes» da vida, que nos chama a atenção. Não se pode deixar à margem, contudo, que outra gama de personagens comparece nas estórias de Luandino Vieira: são os que habitam o mundo do maravilhoso, como a menina/musa Urania (*No antigamente na vida*), de «um soletrado nome só», ou a Kianda do Kinaxixe e sua lagoa, que seria aterrada por conta do progresso.

Trabalhadores ou farristas, maravilhosos ou nacionalistas, crianças como os miúdos Xico e Beto, ou mais-velhos – Vavó Bebeca e Vavó Xíxi –, o que nos interessa dar relevo é que o africano habitante do musseque e seu imaginário tornam-se protagonistas das estórias, com dignidade e humanidade, ao contrário do que ocorria na literatura colonial portuguesa, ganhando dimensões que excedem o documento, sendo alçados à esfera em que «na literatura, os tipos passam a representar os problemas comuns de nossa humanidade». Ou seja, do musseque para o mundo, as personagens de Luandino Vieira falam de Luanda, de Angola e de todos nós.

## O lugar da cidade de Luanda

Frente à açambarcante presença da cidade nos textos, não raro assalta-nos a tentação de decodificar a cidade escrita a partir da geografia, como se a ficção fosse uma espécie de fac-símile dos mapas e, portanto, passível de ser situada em latitudes e longitudes. Ledo engano, pois a Luanda dos textos está distante da «cidade de pedra»<sup>183</sup> e erige-se pelo poderoso verbo do autor.

E aqui talvez estejamos frente a alguns dos vários enigmas propostos pela escrita do autor de *Nos, os do Makulussu*: como se entrelaça a Luanda reinventada pela escrita com a cidade de pedra? Quais as funções que ela exerce nos textos, já que a Luanda dos textos de

---

mesmos: *A vida verdadeira de Domingos Xavier* – 1961; *Luuanda* – 1963; *Vidas novas* – 1962; *Velhas estórias* – 1964; *No antigamente, na vida* – 1969; *Nós, os do Makulussu* – 1967; *Macandumba* – 1971; *João Vêncio: os seus amores* – 1968.

<sup>5</sup> A expressão é de Pesavento.

Luandino Vieira é realidade literária complexa que reflete e refrata não apenas a cidade, mas também Angola e o mundo?

E é exatamente a complexidade do espaço que se estabelece nesses textos que nos remete ao ensaio «O direito à literatura», do crítico brasileiro Antonio Candido, onde a partir de reflexões sobre o papel humanizador da literatura, reflete-se sobre as suas funções. Diz ele:

*Analisando a literatura, podemos distinguir-lhe pelo menos três faces: 1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; 2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; 3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente<sup>184</sup>.*

Segundo o crítico, inferimos que os textos literários atuam em nós em função dos conteúdos veiculados – aquilo que alguns chamam de «conteúdo» –, já que essa é a parte mais visível dos mesmos. Todavia, ele alerta que o «impacto de uma produção literária, oral ou escrita, é devido à fusão inextricável da mensagem com a sua organização». E prossegue: «Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque a sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu»<sup>185</sup>.

No tocante aos textos luandinos, a linguagem em que eles se expressam remete a uma organização do mundo em que a língua portuguesa é trabalhada de forma a que sua estrutura sofra fraturas e acomodações, em face do substrato do quimbundo, em um movimento de astúcia à qual nos referiremos mais detidamente à frente. Equivalendo à força telúrica de um vulcão que irrompe com o magma da língua africana, um novo solo se estabelece. Muitos já fizeram referência à singularidade linguística dos textos de Luandino Vieira, descrevendo-a e mapeando-a. O que nos interessa é destacar o seu papel na construção da Luanda da escrita, já que a «fala» da cidade da escrita a que nos vimos referindo foge das regras do português padrão para se estabelecer no terreno de línguas em trânsito.

Assim, a escrita de Luandino Vieira, apesar da vinculação ao falar dos musseques luandenses, vai além. Na mesma senda que a geografia de suas estórias, a «língua luandina» escapa ao documental, estabelecendo uma dinâmica em que o poético, ou seja, as necessidades de composição, estabelece as ousadias no território da linguagem. Dessa maneira se o quimbundo pode ser visto como a origem de grande parte das inovações ali encontradas, não podemos ter a ilusão de que há falantes que se expressem da mesma maneira que as personagens das estórias. Ao criar neologismos e subverter a estrutura do português, a escrita do autor detém o mérito dos grandes empreendimentos da literatura de nosso

<sup>6</sup> CANDIDO, 2002: 176.

<sup>7</sup> CANDIDO, 2002: 178.

tempo: obriga a avançar devagar, não apenas pelas inovações linguísticas apresentadas a cada passo, como também pela perplexidade que uma nova postura de fruição frente aos textos acaba por se impor. Numa palavra, a ficção de Luandino Vieira força o leitor a rever seus conceitos de literatura, arte e linguagem, em um esforço de dupla orientação: tomar distância dessa ficção, vinculando-a a valores universais, ao mesmo tempo em que busca sua localização em uma geografia literária. Assim, sem se aperceber, o decodificador das «estórias» do autor angolano vai sendo mobilizado a repensar seus códigos estéticos, suas estruturas linguísticas, em um esforço de entendimento do universo narrativo apresentado. A prosa de Luandino Vieira, portanto, ao partir de referências situacionais, acaba por inscrever-se na vertente da modernidade, ao apresentar o questionamento da linguagem do cotidiano e solicitar a participação efetiva do leitor.

Segundo entendemos, não se trata de uma opção estilística ancorada apenas no lúdico que a linguagem pode propiciar, na medida em que sua escrita inscreve-se como proposta emancipadora quando traz as estruturas do quimbundo, língua africana, como elemento desestabilizador do português. Ou seja, trata-se de experimentar as potencialidades do português reinventando-o ao ultrapassar normas e apontando-lhe uma nova geografia e pertença: a angolana. O que implica uma utopia que ultrapassa a estética, já que aponta um projeto também educacional e político: reinventar o português de Angola, indicando a base de uma nova nação.

Refira-se que, além do conhecimento latente que a forma linguística do texto de Luandino apresenta a partir de sua linguagem, há um conhecimento, digamos intencional, ou seja, planejado pelo autor e conscientemente assimilado pelo leitor. E aqui, além da linguagem, o espaço e as personagens ganham destaque, conforme apontamos.

Na mesma senda está a Luanda que se descortina ao leitor. Todo um mapa da cidade capital aparentemente lhe é franqueado e ele é seduzido pela miragem de uma cidade documentada e documental na ficção. Ora, se o Sambizanga e seus becos, assim como o Makulussu ou o Braga são topônimos encontráveis na carta geográfica e referencialmente têm a sua existência assegurada, há, todavia, interseções entre bairros que desorientam o leitor e retiram-lhe as certezas: onde se localizaria mesmo «a confusão entre o Sambizanga e o Lixeira»? E os limites do Rangel? («Estória do ladrão e do papagaio», *Luuanda*). Dessa forma, os musseques se sobrepõem e criam-se fronteiras improváveis, violentando a geografia.

Mas há mais: se os limites entre os bairros e espaços não são localizáveis, as várias datas embaralham os mapas e assim localidades que hoje são centrais, como a Maianga ou o MaKulussu (Alto das Cruzes) apresentam-se nas narrativas nos arredores de Luanda. Para não nos referirmos a estórias como «Lá em Tetembuatubia» – em que a geografia cede à imaginação infantil ou no texto em que uma «grande floresta» existe apenas para as crianças, sendo para os adultos um matagal («Encontro de acaso» em *A cidade e a infância*) – ou ainda «Memória narrativa ao sol do Kinaxixi» em que uma lagoa e sua frondosa

mafumeira (*No antigamente na vida*) não serão encontradas na geografia atual da cidade, pois cederam vez ao asfalto<sup>186</sup>.

Não desanimemos o leitor, contudo. Munido de um mapa, ele poderá localizar em um passeio pela Luanda de hoje a «chorada Ingombota dos poetas populares e outros popularizados à toa» («Muadiê Gil, o Sobral e o barril», *Velhas estórias*), ainda que descaracterizada pelos edifícios modernos; o Sambizanga – «o mais cantado dos musseques» – infelizmente tão pouco urbanizado quanto nas estórias luandinas dos anos 1960 –, ou então edifícios, como um colégio de arquitetura do estado novo, referido nos textos como «Colégio das Madres» (em *Luuanda*, por exemplo), o Colégio São José de Cluny. Ou ainda edificações como a Igreja de Nossa Senhora do Cabo, o velho edifício dos Correios e Telégrafos ou ainda a Igreja da Sé.

Reconfortado, o leitor prossegue sua leitura / busca convencido de que achou um fio condutor, que lhe possibilitará construir um colar de contas geograficamente amigadas. Mas felizmente o leitor é novamente ludibriado: onde seria mesmo a «Quinta dos amores», bairro residencial da cidade à antiga, do conto «O nascer do sol» (*A cidade e a infância*)? Ou o musseque Makutu «que nasceu às avessas» de «Estória da Menina Santa» (*Velhas estórias*)? A interrogação fica no ar, mas a tradução da palavra makutu, do quimbundo, fornece uma pista, na medida em que a palavra significa «mentira». O leitor finalmente entende que as necessidades de composição regem o relato e que os mapas devem ser deixados à parte, dando-se vez e voz às estórias.

Do ângulo que nos interessa, vale salientar que a geografia de Luandino é construída de virtualidades e atende sobretudo a uma necessidade de composição artística. Assim, os vários musseques referidos (e aqui um levantamento que realizamos nos textos do autor nos permite dizer que Kinaxixe, Sambizanga e Makulussu são os mais citados), bairros, ruas e logradouros – que vão do Museu de Angola, ao Cemitério do Alto das Cruzes, passando pela calçada da loja Casa Comercial Catonho-Tonho e do Largo do Baleizão, por exemplo – são erigidos a partir de um subterfúgio e da malícia. Explicitemos: o subterfúgio consiste em franquear ao leitor os espaços de exclusão brutal do colonizado de modo que logradouros a ele negados são percorridos nas estórias ao mesmo tempo em que os musseques são focalizados. Colocam-se em contraste, portanto, as duas cidades de que nos fala Fanon:

*A zona habitada pelos colonizados não é complementar da zona habitada pelos colonos. Estas duas zonas se opõem mas não em função de uma unidade superior. Regidas por uma lógica puramente aristotélica, obedecem ao princípio da exclusão recíproca: não há conciliação possível, um dos termos é demais*<sup>187</sup>.

<sup>8</sup> A respeito do Kinaxixe (ou Quinaxixe) e suas transformações, leia-se o texto de Alberto de Oliveira Pinto intitulado «*Quinaxixe* de Arnaldo Santos: olhar identitário angolano sobre a memória colonial de Luanda» (PINTO, 2012: 22).

<sup>9</sup> FANON, 1979: 28.

Destarte, o leitor ao confrontar a Baixa e os musseques se vê transportado à vida da violenta segregação colonial. Por outro lado, há uma malícia nessa abertura de espaços, pois estabelece-se uma cumplicidade entre leitor e texto, de sorte que aquele passa a espessar a mesma perspectiva das personagens, a vivenciar-lhe os espaços, irmanando-se a elas.

E aqui nos referimos a uma terceira faceta do texto luandino que vimos explorando à luz das funções da literatura referidas por Antonio Candido. Trata-se de entender a literatura também como «uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente» de valores humanos, universais. Ou seja, a literatura como conhecimento que resulta em aprendizado.

Mas um aprendizado distante da pedagogia ou das normas oficiais, conforme nos lembra Antonio Candido. Daí as atitudes ambivalentes que suscita nos leitores, pois ensina, muitas vezes, em aspectos que a ideologia oficial dos estados gostaria de banir. Segundo o crítico brasileiro, a literatura não corrompe nem edifica, mas trazendo livremente em si o que chamamos bem e o que chamamos mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver.

Assim, ao aprendizado algo dúbio sobre a geografia de Luanda e a língua ali falada, as narrativas de Luandino Vieira sobrepõem a experiência sobre a violência colonial e a vivência dos espoliados. E esse aspecto é tão forte, que, como sabemos, quando o livro *Luuanda* foi premiado com o Grande Prêmio de Novelística no período colonial, em 1965, a PIDE assaltaria e encerraria a Sociedade Portuguesa de Escritores (SPE), outorgante do prêmio, prendendo a maior parte do júri.

Ao lado desse elemento político de contestação, outras formas de «bem e mal» presentificam-se – sem preceitos morais – nas histórias luandinas, como o vício (lembramos aqui da diamba fumada constantemente pela personagem Via Rápida, de «Estória da galinha e do ovo», *Luuanda*) – ou paixões heterodoxas, como o amor homossexual do menino João Vêncio. Trata-se de características das personagens que auxiliam a constituir-lhes as contradições e, portanto, também a sua humanidade, na medida em que se aproximam das perfeições e desconcertos de todos nós.

Dessa maneira, assim como a cidade de Luanda ao receber o tratamento artístico acaba por ter a sua geografia embaralhada nas narrativas e torna-se espaço ficcional, conseguindo realizar o delicado e difícil equilíbrio entre História e histórias; também as outras fronteiras se diluem. O regional cede ao cosmopolitismo e Luanda se torna o mundo.

Felizmente, nos textos de José Luandino Vieira, a geografia cede à ficção.

## Bibliografia

- CANDIDO, Antonio (2002) – *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul.
- FANON, Franz (1979) – *Os condenados da terra*. 2.<sup>a</sup> ed. Trad. de J. L. de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- PINTO, Alberto Oliveira (2012) – *Quinaxixe de Arnaldo Santos: a formação do nacionalismo angolano na memória colonial de Luanda*. In LEITE, A. M.; OWEN, H.; CHAVES, R.; APA, L., orgs. – *Nação e Narrativa Pós-Colonial I. Angola e Moçambique. Ensaios*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 19-35.
- RIBEIRO, Margarida Calafate (2006) – *E Agora José, Luandino Vieira? Entrevista a José Luandino Vieira por ocasião dos 40 anos da publicação de Luuanda*. «Portuguese Literary & Cultural Studies». Special issue: «Remembering Angola». October.
- VIEIRA, José Luandino (1982) – *Luuanda*. São Paulo: Ática.
- \_\_\_\_ (2003) – *A vida verdadeira de Domingos Xavier*. Lisboa: Caminho.
- \_\_\_\_ (2004) – *João Vêncio: os seus amores*. Lisboa: Caminho.
- \_\_\_\_ (2005) – *No antigamente na vida*. Lisboa: Caminho.
- \_\_\_\_ (2006) – *Velhas estórias*. Lisboa: Caminho.
- \_\_\_\_ (2007) – *A cidade e a infância*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_ (2007) – *Vidas novas*. Lisboa: Caminho.
- \_\_\_\_ (2009) – *O livro dos guerrilheiros*. Lisboa: Caminho.